

IV EDIPE – ENCONTRO ESTADUAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO

**TEMÁTICA GERAL:**

“Para uma realidade complexa, que escola, que ensino?”

**GRUPO DE TRABALHO:**

Filosofia

**TÍTULO DO “TRABALHO”:**

**EXPERIÊNCIA COM O ENSINO DE FILOSOFIA, ATRAVÉS DA PESQUISA-AÇÃO,  
COM PROFESSORES DA DIRETORIA REGIONAL DE ENSINO DA CIDADE DE  
MIRACEMA – TO**

Márcio Antônio Cardoso Lima\*

**RESUMO:** Em 2004, cinco pesquisadores brasileiros desenvolveram uma pesquisa por solicitação da Unesco para o mapeamento das condições do ensino de Filosofia nas diversas regiões brasileiras, em seus diversos níveis, com ênfase especial na educação média. Neste trabalho, o Estado do Tocantins somente aparece no que diz respeito à quantificação de aulas semanais de Filosofia no ensino médio, no caso, ao menos duas aulas semanais durante um ano. Diante disso, pus-me a seguinte inquirição: *Quais são as condições do ensino de Filosofia, no nível médio, na rede pública de ensino do Estado do Tocantins?* Após a realização dessa pesquisa (LIMA, 2010), propus-me uma investigação prática, através da pesquisa-ação, com os professores de Filosofia da Diretoria Regional de Ensino da cidade de Miracema do Tocantins – TO. Essa atividade prática, com duração de dois anos, iniciou-se no segundo semestre de 2008, em curso de extensão intitulado: *Leitura e prática educativa: experiências com o ensino de Filosofia*, com os seguintes objetivos: (i) analisar a problemática da leitura com professores(as)/trabalhadores(as) de Filosofia do Ensino Médio da Diretoria Regional de Ensino da cidade de Miracema do Tocantins - TO; (ii) pôr em prática a temática da leitura através de textos filosóficos, em concomitância, aprofundamentos teóricos e, (iii) indicar o valor da experiência da leitura na prática educativa e suas implicações no cotidiano. Desse trabalho, saliento a necessidade da formação continuada já que grande parte dos professores no Estado do Tocantins atua fora de área, em confirmação de pesquisa já realizada que constatou que o trabalho com a Filosofia é, simplesmente, para complementação de carga horária. Em colaboração, a universidade desempenha um papel importante, principalmente em cursos de extensão que tenham como olhar determinado aspecto para o trabalho com a Filosofia. Em nosso caso, priorização do estudo dos textos filosóficos, onde os professores foram capazes de perceber que têm muita dificuldade no referente à leitura, porém, se dispõem ao enfrentamento de eventuais empecilhos, desde as dificuldades subjetivas de compreensão até aquelas que são de natureza objetiva.

**Introdução**

Por solicitação da Unesco, cinco estudiosos brasileiros (FÁVERO; CEPPAS; GONTIJO;

---

\*Doutor em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais e Professor Adjunto III do curso de Pedagogia do *Campus* Universitário de Miracema/UFT. Endereço eletrônico: [marcioacl@uft.edu.br](mailto:marcioacl@uft.edu.br).

GALLO; KOHAN, 2004) pesquisaram a respeito das condições do ensino de Filosofia nas diversas regiões brasileiras, em seus variados níveis, com ênfase especial na educação média. Nesse trabalho, o Estado do Tocantins somente aparece no que diz respeito à quantificação de aulas semanais no Ensino Médio. Diante disso, a seguinte inquirição em pesquisa iniciada no primeiro semestre de 2006 e terminada no primeiro semestre de 2008: *Quais são as condições do ensino de Filosofia, em nível médio, na Rede Pública de Ensino do Estado do Tocantins?*

Com base nos resultados dessa pesquisa (LIMA, 2010), propus-me a sua continuidade, em vista de investigação prática, através da pesquisa-ação, com os professores de Filosofia da Diretoria Regional de Ensino da cidade de Miracema do Tocantins – TO. Essa atividade prática, com duração de dois anos, iniciou-se no segundo semestre de 2008, em curso de extensão intitulado: *Leitura e prática educativa: experiências com o ensino de Filosofia*, com os seguintes objetivos: (i) analisar a problemática da leitura com professores(as)/trabalhadores(as) de Filosofia do Ensino Médio da Diretoria Regional de Ensino da cidade de Miracema do Tocantins - TO; (ii) pôr em prática a temática da leitura através de textos filosóficos, em concomitância, aprofundamentos teóricos e, (iii) indicar o valor da experiência da leitura na prática educativa e suas implicações no cotidiano escolar.

## **Desenvolvimento**

A primeira etapa da pesquisa foi o contato com a Diretoria Regional de Ensino da cidade de Miracema do Tocantins – TO para o levantamento dos professores que trabalhavam com aulas de Filosofia em nível médio de ensino no segundo semestre de 2008. Como resposta, 22 professores, sendo 14 mulheres e 8 homens, em confirmação, por parte de pesquisa já realizada de maioria do sexo feminino. Outro dado, com base também na pesquisa, é que os professores labutam com a Filosofia para complementação de carga horária, além de não-formação em Filosofia, conforme os dados disponibilizados pela Diretoria Regional de Ensino.

O curso teve a inscrição de 16 professores, mas contou inicialmente com a presença de 10. Desse quantitativo, somente 5 trabalham com a Filosofia – com formação em Ciências Biológicas, Geografia, História, Pedagogia (2) –; dos outros, dois já trabalharam com a Filosofia – com formação em História/Teologia e Geografia e, os outros nunca lidaram com a Filosofia – com formação em Pedagogia e Letras (2) –, mas tinham interesse em participar do curso.

Após essa etapa, afirmei-lhes a respeito do curso, em apresentação do seu formato e a perspectiva do seu norteamto, isto é, a problemática da leitura no ensino de Filosofia. Em seguida, distribui para cada participante um texto (memorial), onde indiquei o como se deu o meu contato com a Filosofia e o porquê do meu interesse em pesquisar essa temática, em específico, sobre o ensino de Filosofia. Por fim, pedi-lhes um texto em anúncio do olhar de cada um a respeito do contato com a

Filosofia.

Uma professora, que não trabalha com o ensino de Filosofia, disse-nos que “o gosto pela filosofia despertou a partir do questionamento do que seria ideologia [...]”. E continuou, em especificação de saídas para responder à inquirição:

Fui buscar no dicionário Aurélio, uma resposta para o questionamento, porém, a minha curiosidade foi além daquilo que o dicionário propunha, comecei a fazer um levantamento bibliográfico que auxiliasse na compreensão do termo “ideologia”. Iniciei os estudos com a leitura do livro de Marilena Chauí – “O que é ideologia”, que aguçou ainda mais a minha curiosidade.

Outra professora, formada em Geografia, indica, inicialmente, a sua situação de não-efetiva e o aparecimento da Filosofia em sua vida com o ensino. Assim o diz:

[...] Mas como eu não sou efetiva e apenas contrato, sabemos que temos que trabalhar com outras disciplinas para complementar carga horária e foi assim que apareceu a Filosofia em minha vida. No começo de 2007 fui convidada pra trabalhar essa disciplina, foi um grande desafio, mas eu gosto muito de desafiar meu potencial e aceitei. Hoje estou ministrando aulas de Filosofia em várias turmas no [...], assim como Geografia que é minha especialidade também Sociologia e Arte.

Expõe, também, o desafio que é trabalhar com a Filosofia, que vai desde o não-domínio dos conteúdos até a mirada metodológica. Cito-a:

Trabalhar com filosofia [...] é um grande desafio, pois é uma disciplina que faz você pesquisar, buscar a raiz do problema tanto social como político, e isso às vezes nos deixa muito impotente [sic] pois trabalhamos muitas vezes o imaginário do professor e isso frustra não só o professor mas também o aluno. Além do mais, percebi que não tinha domínio dos conteúdos que seriam trabalhados [sic] em sala de aula, como produzir aulas que não enfastiassem os alunos, pois nesse novo sistema que a educação do Tocantins está inserindo de 120 minutos de aulas, fica muito a desejarem [sic] a questão da nossa formação. [...] Trabalho em grupos onde o aluno possa colocar seu ponto de vista, sua crítica seguida de sugestão, artigos de opiniões [sic], etc.

E, por fim, expõe a importância do curso de extensão que está participando: “espero sair com mais uma bagagem em conhecimento pois aprendei [sic] a gostar dos temas, das aulas [sic] de Filosofia e hoje no [...] eu sou a única professora que não recusa a trabalhar tais disciplinas: Filosofia e Sociologia”.

Em continuidade, outra professora, formada em História, faz o inventário de como se deu o início do seu trabalho com a Filosofia. Eis o que ela diz:

No início de 2000 foi transferida a professora [...] que ministrava Sociologia para o Colégio Estadual [...], e a professora [...] que ministrava Filosofia. A partir daí resolvemos dividir as disciplinas de Sociologia e Filosofia. A professora [...] também formada em História ficou com a metade das aulas de História e Sociologia e eu com a outra metade das aulas de História

#### IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

e Filosofia. Atualmente ministro aulas de História, Filosofia e Antropologia e procuro me encontrar cada vez mais com essas disciplinas e não abrirei mão do que me é de direito.

Uma professora trouxe, inicialmente, o seu contato com a Filosofia no seu curso de graduação, na cidade de Crato – CE, através da leitura do livro *O mundo de Sofia*: “no terceiro semestre do curso de Biologia tive a disciplina de Filosofia, e o professor nos mandou ler o Livro de Sofia [sic], achei super chato e até mesmo insuportável. Verdadeiramente, detestei aquela leitura e as discussões que o professor travava conosco”.

Em seguida, expõe o como se deu o seu encontro com a Filosofia com alunos do Ensino Médio no Estado do Tocantins – complementação de carga horária –, com lembranças da primeira experiência em seu contato com essa área do conhecimento. Cito-a:

E aqui [em Escola Pública no Estado do Tocantins], como complemento de carga horária, surge a possibilidade de lecionar filosofia. Foi um grande desafio porque ainda tinha em mim aquele repúdio das aulas chatas e enfadonhas da disciplina na universidade. Ainda pensava o quanto achei insuportável ler o livro de Sofia [sic] sem compreender que objetivos havia [sic] por trás daquela leitura forçada.

Por fim, a afinidade com a Filosofia, sem especificação de como é trabalhada em sala e do desejo de estudá-la na universidade para melhor atuação em sala de aula. Eis o que a professora diz:

Depois de três anos consecutivos lecionando Filosofia, posso afirmar que tenho desenvolvido extrema afinidade com a disciplina. Gostaria enormemente de poder fazer o curso universitário de filosofia e principalmente melhorar a forma como tenho desenvolvido as aulas para os meus alunos. Fazer este curso possibilita repensar e ressignificar a prática pedagógica, tendo em vista uma perspectiva de mudança e melhoria.

Noutro momento, em seu escrevinhamento, a professora já explicita a sua lida com a Filosofia: no primeiro bimestre de 2006 trabalhou com reportagem da revista *Mundo Jovem*, através de leitura, discussão e respostas aos questionamentos que o material usado propunha e complementa: “procurávamos filmes que retratassem aquela temática. Após a exibição dos filmes havia [sic] momentos de discussão e entrega de relatórios acerca do entendimento sobre o assunto abordado no filme”.

Insatisfeita, abandonou a referida revista e no segundo bimestre do ano 2006, recorreu ao material que a escola dispunha: “*Introdução à Filosofia de Marilena Chauí* e ... de Gilberto Godrim [sic]” para trabalhar questões relativas ao amor. Continuo a citação:

E passamos o segundo bimestre com essa temática [amor]. Já não se usava mais as revistas *Mundo Jovem*, mas os livros de Marilena Chauí e filmes que ilustrassem aquele referido conteúdo. Nesse ínterim, vimos o filme *O Nome da Rosa* e *Helena de Tróia* e... que a escola dispunha no seu acervo. Discutimos sobre as dimensões do amor na história da humanidade e pedimos aos alunos que fizessem um relato de suas experiências acerca dos amores na sua

vida.

Não detalhou os últimos bimestres de 2006. No primeiro semestre de 2007 deparou-se, novamente, com o ensino de Filosofia, com uma novidade: iria trabalhar com todas as turmas do Ensino Médio. E, criticamente, uma posição: “Cheguei a pensar que provavelmente, teria eu trabalhado bem com a disciplina porque [sic] o aumento do número de aulas, mas a história pode ser outra, falta de carga horária”. Em sua lida, o trabalho com os livros *Filosofando* de Ana Maria Aranha Arruda e *Filosofia para Jovens* [não há citação do autor], que foram manuseados durante o planejamento para a seleção dos conteúdos, com o primeiro sendo usado nos primeiros anos e o segundo nos últimos anos do Ensino Médio.

Em seguida, faz, minuciosamente, o detalhamento do seu trabalho no primeiro semestre, os percalços enfrentados e avaliação:

Decidimos que pesquisariamos a vida e obra de alguns filósofos e que a socialização seria em sala de aula. Levei o nome dos filósofos e selecionamos os grupos. Fomos para a biblioteca e lá utilizamos a coleção [os livros citados]. Posteriormente, tivemos aulas no laboratório de informática, cada grupo procuraria conhecer melhor o filósofo escolhido. Marcamos os dias das apresentações. Os alunos estavam entusiasmados sobre a vida e obra dos filósofos. Alguns organizaram teatro, outro filmaram [sic] como uma espécie de telejornal, usaram o *power point* e também o retroprojetor. A grande dificuldade da socialização ocorreu em virtude do tempo, uma aula semanal. Sendo necessário utilizar outros períodos, e não somente a aula, para o término das socializações. Isto causou um rebuliço na escola porque tive que disponibilizar de um tempo extrassala de aula para cumprir com essa atividade. No final de tudo, valeu a pena para mim e os alunos, foi proveitoso conhecer a vida e obra dos filósofos estudados.

Em seguida trabalhou três tópicos: Ética, Moral e Estética, em utilização do livro *Filosofando*, através de leitura e discussão, com avaliação através dos questionamentos postos pela autora do livro. Finalizou o trabalho com a participação de palestra proferida por professor da Universidade Federal do Tocantins. Afirmou, também, que devido ao ano eleitoral, optou por trabalhar o conteúdo *política*, com retorno ao livro *Filosofando*, filmes, uma atividade prática com os alunos: assistir às sessões na Câmara Municipal da cidade de Miracema do Tocantins - TO e, por fim, avaliação por intermédio de relatórios.

Passo, agora, à escrita de outra professora no seu contato com a Filosofia, principalmente no formato ao trabalho com essa área do conhecimento. Eis o que ela diz:

Na faculdade tive vários professores e dentre eles o de filosofia, que era uma disciplina obrigatória para todos os cursos de humanas do [...] e lá conheci alguns filósofos e os caracterizei como loucos e malucos, pois enquanto meu professor apresentava teorias, nós imaginávamos nossa prática em sala de aula e dormia vencida pelo cansaço da viagem todos os dias de Miracema a Palmas, e o período passado e filosofia em minha vida. E assim, hoje sou professora não de filosofia, mas de Língua Portuguesa e luto como sempre lutei nessa minha vida.

Um professor, formado em Geografia, e que já trabalhou com a Filosofia no Ensino Médio, teve o contato com essa área do conhecimento em concurso da Polícia Militar do Piauí e em colégio religioso da Igreja Batista, em que estudou as biografias dos filósofos. Eis uma afirmativa: “até agora só fazia o que o professor pedia, escrever sobre alguns filósofos, ou seja, a sua bibliografia [sic], quando muito raro alguns pensamentos já prontos”.

No curso de Geografia no Piauí teve um “contato maior com a filosofia”. Após a conclusão do curso retornou para sua cidade natal para trabalhar no Ensino Médio com Geografia e Filosofia, “esta última só para complementar a carga horária”. E, em conclusão, traz os resquícios da sua formação: “quanto à filosofia, colocava meus alunos a escrever sobre determinados assuntos e descrever sobre alguns filósofos”.

Outra professora, formada em Pedagogia e trabalha com Filosofia no Ensino Médio, expõe a sua formação, o aparecimento da Filosofia para complementação de carga horária, o uso de textos de revistas e detalha os temas que trabalha com os seus alunos:

Em 1997 iniciei o curso de Pedagogia, fiz dois anos acadêmico [sic] estudando a disciplina de Filosofia. Em 2000, concluí o curso, anos depois fui contemplada com a disciplina para ministrar aulas no Ensino Médio Básico. Trabalho com livros de Filosofia [sem especificação], textos complementares de revista como a Mundo Jovem e temas para debates e questionamentos: Pena de Morte, a favor ou contra?; Aborto, uma atitude correta ou errada?; Filho adotivo, contar a verdade ou não?; Casamento, sim ou não?; Lógica, Ética, Conhecimento, Estética, Razão, Verdade, Cultura, Ideologia, Alienação, Valores, Política...

Uma professora formada em História e Teologia e que já trabalhou com Filosofia no Ensino Médio, aloca em seu texto o seu primeiro emprego numa “escola dirigida por militares” onde teve contato com uma professora que trabalhava com a Filosofia. Eis o que ela diz:

A educação ali era de forma bem tradicional: veio uma professora de Teresina para trabalhar a disciplina de filosofia, ela tinha uma visão totalmente diferente da filosofia da escola, começou a trabalhar com os alunos textos críticos conscientizando-os que cada um poderia ser um sujeito histórico. Valorizava o debate, sobre as transformações que estavam acontecendo no Brasil, falava muito sobre a alienação política. [...]. Eu morava de aluguel com uma colega, ela propôs a morar conosco. Moramos juntos [sic] durante nove meses. Creio que foi a partir desse tempo que eu me identifiquei com a Filosofia.

Em seus estudos universitários cursou a Filosofia por três períodos e, no ano de 2007 trabalhou com a Filosofia numa instituição de Ensino Médio. Menciono, nesse instante, os encaminhamentos usados e a sua posição sobre a docência:

[...] Trabalhei leituras de textos filosóficos em grupos, levantamentos de temáticas e socialização das mesmas, trabalho em seminários, discussão sobre temas do cotidiano, como: aborte [sic], pena de morte, homossexualismo e maioridade penal, pesquisas de

#### IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

campo, responder questionários, produção de textos, confecção de painéis e apresentação. [...] Às vezes eu enfrento dificuldades no exercício da prática docente [sic], porque tento fazer um trabalho diferenciado com os alunos, levando-os a desenvolverem a reflexão, o senso crítico, ao compromisso e a ética, que de fato sejam sujeitos históricos, que lutem por transformações para a construção de uma sociedade mais igualitária.

Após essa primeira etapa do curso entreguei à turma dois textos do caderno opinião do jornal Folha de S. Paulo (DUPAS, 2005, 2008) para que fossem trabalhados pelos professores em nosso próximo encontro. No dia marcado, o trabalho teve como referência o texto do ano de 2008, intitulado *Prestando contas à vida*, onde o autor salienta a importância da filosofia como possibilidade de “transformar velhice em liberdade”, num contexto de envelhecimento da população mundial. E, para endosso dessa perspectiva filosófica traz os filósofos Deleuze e Guattari, onde filosofar é a arte de criar conceitos para dar significação a “questões para sempre mal resolvidas, como velhice e morte”.

Nas propostas de trabalho com o texto não houve por parte dos participantes do curso, tanto individualmente quanto em grupo, a preocupação de leitura do texto, esmiuçando-o para melhor compreendê-lo, especificamente, a sua sustentação teórica, no caso, os filósofos franceses acima citados, em ocorrência, simplesmente, de questões para serem respondidas e para serem debatidas. Todavia, como debater um texto se não houve a sua compreensão? Quê fiz? Fui ao texto dos autores franceses para a indicação aos professores da construção do texto que foi divulgado pelo jornal Folha de S. Paulo. Após o trabalho lembrei-me de leitura já realizada:

Se há algumas qualidades que o [...] professor deve levar consigo para a sala de aula, essas não devem se resumir ao conhecimento de certos autores e conceitos chaves da filosofia (se é que os há), mas passa pela capacidade de abordar os textos e os autores da filosofia pela análise da articulação dos argumentos no interior de um sistema, independente do tempo histórico no qual foi produzido (MARTINS, 2008, p. 288).

Com base nesse posicionamento entreguei outro texto, no caso, um capítulo de encíclica papal (LIMA, s.d., p. 198-206) para que os professores desenvolvessem uma atividade para a sua leitura. No dia marcado para o encontro pedi aos professores que escrevessem num pedaço de papel sobre a leitura realizada. Três escritos chamaram-me a atenção.

O primeiro informa da “necessidade de buscar outras leituras para sua interpretação”, mas isso é dificultado “devido o fim do bimestre e o Curso de Progestão”. Todavia, um fato: “mas tive uma descoberta interessante ao ler o texto outras vezes: que as coisas não estão prontas, elas vão se construindo, dependendo de cada um de nós, daquilo que se acredita como verdade”.

Noutro texto não houve leitura em sua totalidade, mas apenas três páginas, pois o recebeu uma semana antes do encontro. Porém, mesmo assim, um estranhamento: sem a leitura integral do material o autor quis se posicionar. Será que isso é possível? Transcrevo o escrito:

#### IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

Bom, apesar de pouco tempo de apropriação do material estive envolvido em uma pequena parte do texto, isto porque só o recebi na tarde da segunda-feira passada. Porém, das três páginas lidas por mim, pude observar que o homem ainda está perdido no que diz respeito à expressão de sua espiritualidade. Ainda falta-lhe uma melhor compreensão de sua fé. Então, me deparei com a segunda exigência: verificar a capacidade do homem chegar ao conhecimento da verdade. Aí me pergunto: que verdade é essa?

O terceiro texto trouxe contribuição para levar adiante a problemática da leitura no ensino de Filosofia conforme a proposta inicial dessa pesquisa, pois “ao lê [*sic*] o texto, a conclusão que tenho é que muito ainda deve ser feito para melhorar a minha qualidade como professora de filosofia, preciso muito de novas leituras”.

Com o fim das exposições sobre a leitura do texto, com informações das não-leituras por parte do professores, afirmei-lhes duma pergunta para um estudioso da filosofia: “O que pensa sobre a inclusão da filosofia no ensino médio?”. Resposta:

Eu sou absolutamente contra. Porque é uma forma de trair a própria função da filosofia. A que nós estamos assistindo? A uma produção de manuais que vão dar muito dinheiro aos seus redatores e editores, mas que não terão nada a ver com filosofia. Porque, o manual já é uma interpretação daquele campo por um escritor. Quando você tem um manual de filosofia, você coloca uma lente entre o texto, o problema e a cabeça do estudante. Sou favorável que o ensino do primeiro e segundo graus intensifique o máximo a poesia, a história, a matemática, a geografia, o teatro. Enfim, todas as formas mais belas de cultura, refinando a imaginação, a sensibilidade e a inteligência dos jovens. Quando eles entrarem na universidade, eles escolhem a filosofia. E aí eles saberão distinguir muito bem um texto de Platão, poético, bonito, de um texto chatíssimo de Aristóteles. Quando você faz um manual, onde não existe beleza, feiúra, sofrimento, só existem as doutrinas recortadas pelo autor do manual, você está emburrecendo. (ROMANO, 2008, p. 23-24)

Disse-lhes, entretanto, que mesmo que houvesse concordância com as posições acima indicadas, o ensino de Filosofia tornou-se obrigatório no currículo do Ensino Médio em todas as unidades de ensino do País, conforme Lei nº 11.684/08, sancionada em 2 de junho de 2008. Com base nisso, fui ao trabalho com o texto.

Inicialmente fiz uso de texto do filósofo David Hume retirado de material didático que produzi, denominado de *Filotextos* – coletânea de textos que vai dos filósofos pré-socráticos até os contemporâneos –, para entendimento das críticas que o autor do texto – no caso, uma autoridade papal – fazia ao fenomenismo. Houve a sensação da dificuldade para a leitura do filósofo escocês e sua correlação com o material disponível. Pensei, então, em leitura já realizada:

O não-entender de natureza propriamente filosófica é, em geral, a conseqüência de que algo não está explicitado no texto, ainda quanto constitua sua premissa, ou, em termos mais genéricos, de que, em realidade, não possuímos os **pressupostos** [negrito do autor] necessários. Em tal caso é recomendável suspender de modo provisório a leitura do texto até possuir uma formação adequada. [...] É pura perda de tempo insistir na leitura de textos para a compreensão dos quais ainda não se possui os pressupostos necessários (PORTA, 2002, p. 57)



Nesse instante, em atendimento à busca de pressupostos necessários à leitura do texto disponível aos professores, entreguei a cada um pequeno texto, intitulado *Metafísica*. Nesse texto, o doutor em Filosofia pela USP, faz pequeno histórico desse ramo da filosofia e finaliza que a metafísica é, na hodiernidade um campo de controvérsias, “pois todos os ramos atuais da filosofia, todos os estilos de pensamento iniciam-se problematizando o discurso metafísico. Porque, em relação à metafísica, sempre existirão manifestos, críticas e dogmatismos de todos os matizes” (JOSÉ, 2008, p. 29).

Após leitura e discussão desse texto sobre a metafísica, pedi aos professores que folheássemos o material em discussão, na localização, assim, desse ramo da filosofia. Porém, o estudo não avançava, pois os professores não tinham feito o dever de casa, isto é, a leitura do texto. Marcamos, então, um próximo encontro onde cada um exporia a sua leitura, para, a partir daí, destrinchar o texto.

No dia marcado perguntei ao coletivo sob os artifícios usados para a leitura do texto. Um dos participantes o leu por três vezes, sublinhando-o; comparando-o com outro texto. Porém, uma dificuldade: não tinha dicionário para “pesquisar o significado de algumas palavras desconhecidas”.

Eu li o texto há duas semanas, o li por três vezes, sublinhei as partes mais importantes, depois comparei com textos de Merva Rosa, *Antropologia Filosófica: uma perspectiva*. Fiz a leitura do texto buscando complementar a compreensão do mesmo, que é um pouco difícil, porque não tenho dicionário de filosofia para pesquisar o significado de algumas palavras desconhecidas, mas fiz algumas anotações. [...].

Outro membro identificou as palavras-chave para melhor “compreender sistematicamente [a] crítica papal às várias tendências filosóficas e sua defesa [da] sagrada escritura”. E complementou: “Utilizar o dicionário filosófico foi necessário [pois] entender a linguagem utilizada não é fácil para leigos”.

Uma professora procurou ler o texto em seu ambiente de trabalho, mas não o conseguiu. Em casa, foi à leitura do material, porém “quanto mais o lia menos compreendia e reiniciava a leitura [...] e, no final pude perceber que é um texto que se repete, é muito rebuscado... Não compreender [sic] e concluir [sic] que me falta mais leitura”.

Houve também a leitura do texto por uma participante em seu local de trabalho, que também encontrou dificuldade: “Bom, a leitura do texto foi feita durante a minha hora-atividade na escola. Confesso que encontrei grande dificuldade para entender o texto. Mas mesmo assim o fiz por duas vezes [...]”. Todavia, posicionou-se:

Acredito que o texto fica mais confuso [sic] por tratar basicamente de “Deus” e tudo que se refere a ele torna-se muito relativo de acordo com a filosofia de vida de cada um, mas também é muito instigante por desafiar e fazer com que a mente humana se supere a cada leitura realizada.

Repetiu-se, também, por parte de uma professora, o local da leitura: a escola. No entanto, devido ao excesso de trabalho a leitura foi fragmentada e rápida:

A leitura que fiz do texto foi fragmentada, [...] mesmo sabendo que a minha responsabilidade como cursista seria tirar um tempo. Mas entre alguns minutos de tempo do colégio ou nas janelas das minhas aulas eu passava as vistas no texto. Como trabalho quatro disciplinas e trabalhamos com o sistema de bloco, tenho que ocupar um período pros estudos dirigidos com os alunos novatos e o tempo que me sobra são as aulas vagas e foi nesses minutos que li rapidamente esse texto

Dois participantes foram sucintos. Eis uma afirmação: “releitura em casa sentada no sofá, tendo em vista, como ponto de partida Deus e o homem, tentando compreender como a filosofia define-os”. Cito o segundo: “Alguns dias depois de receber o texto deitei [numa] rede e comecei a ler o danado do texto do papa. Entendi que o texto tratava do posicionamento do papa sobre a filosofia”.

Após as exposições, os professores receberam um exercício, retirado de dicionário filosófico, para preenchimento nos espaços em branco das filosofias citadas no texto em questão. Para exemplificar: foi lido várias vezes uma determinada filosofia – niilismo – para que o grupo a descobrisse. Antes da descoberta, era importante alguns artifícios: palavras-chave (absoluto, princípios metafísicos tradicionais, decadência européia, progresso, morte de Deus e moral do rebanho), seus respectivos significados e relações e, por fim, se havia a citação de algum filósofo, no caso, Nietzsche.

Com a descoberta do teórico, um segundo texto com pequena biografia do filósofo alemão; e, um terceiro texto, no caso, o capítulo 14 do livro *Ecce homo: como alguém se torna o que é*, intitulado: *Por que sou um destino*, lido parte por parte, oralmente, pelo coletivo. Importava-se, nesse instante, o trabalho com os três textos, relacionando-os, para a busca da filosofia ali presente: niilismo. Por fim, o retorno ao texto lido em casa para o rastreio dessa filosofia e as razões de críticas por parte do seu autor.

Diante dessa dinâmica, algumas considerações. Uma professora informa da importância da criação de “mecanismos” para melhor entendimento dos textos filosóficos:

A aula de hoje foi muito boa, onde o professor nos ajudou a criar mecanismos para entendermos os textos trabalhados através de dinâmica de leitura em grupo e socialização da leitura. Fez-se um paralelo sobre a leitura do texto do Papa João Paulo II e de Nietzsche, percebendo as diferenças entre os filósofos, as tendências filosóficas.

Outra professora além de endossar a afirmativa anterior, salienta a importância de estudo comparativo dos textos: “Hoje comecei a compreender o texto lido pelo professor. A dinâmica utilizada foi ótima; o resgate das aulas anteriores foi ótima e a comparação de um texto com o outro foi excelente”. Além do dito pelas duas professoras, outra traz a importância de como encontrar a ideologia do autor: “A aula de hoje [...] foi bem interessante e proveitosa, pois nos orientou a

interpretar um texto por mais difícil que seja [sic] de forma mais clara, como procurar a ideologia do autor através das frases repetitivas encontradas no texto”.

Noutra avaliação, o trabalho do dia foi rico e interessante, pois, possibilitou “compreender o que antes parecia incompreensível”:

Interessante e muito rica. Acho que estas são as palavras correntas [sic] para definir a aula de hoje. Isto porque foi maravilhoso viajar pelo mundo da filosofia, percebendo assim que sempre podemos compreender o que antes parecia incompreensível, basta apenas sermos seres que aceitem o ponto de vista de outras pessoas, percebendo assim que somos capazes de aprender e ensinar sempre.

Por fim, posicionamento mais crítico em relação aos textos, trabalhando-os, portanto, filosoficamente, ou, quiçá, poeticamente:

Perceber que “verdades” podem ser “inverdades” causa medo. Medo de IR além, TRANCENDER [sic]... Porque o MEU DEUS, o aprendido, era/é... às vezes intransponível! O que resta? Indagações, questionamentos... E um aperto no coração. Mas, as asas surgem na alma viajante de quem deseja conhecer, mesmo que para tanto seja necessário quebrar correntes, afundar princípios que parecem tão verdadeiros, reais. Perceber que é preciso AVANÇAR, vencer o comodismo e LER, CONHECER... CRIAR possibilidades de caminhar, voar, ser ÁGUIA!!! [as palavras escritas em maiúsculo são da autora do texto]

Para o próximo encontro solicitei aos professores que preenchessem os espaços em branco do exercício distribuído em sala para continuidade do trabalho com o texto. Nesse dia uma pergunta: *Alguém teve dificuldade?* Em resposta fiz a opção por três posicionamentos. Uma professora indica a dificuldade no referente à leitura, mesmo em suas idas e vindas ao texto:

Infelizmente a cada aula penso que compreendo um determinado texto, mas, ao retornar da aula levo algo bem mais difícil. Tentei, li e reli, mas não conseguir [sic] responder aos espaço [sic] da tarefa. Às vezes penso o que a [sic] de errado? Os textos, meu conhecimento? Ou a metodologia? Espero que no final eu poça [sic] encontrar a resposta.

Noutro posicionamento, a artificialidade da leitura, “sem muita demora” e a necessidade de “material para estudo”:

Bem, fiz uma leitura artificial, ou seja, rápida. Um olhar sem muita demora, pois de imediato compreendi que seria difícil chegar às respostas para o texto, precisaria de mais material para estudo. A concepção filosófica exige pesquisa, leitura para a compreensão e análise dos textos escritos pelos pensadores filosóficos.

A terceira participante indica como dificuldade para o fazimento do trabalho o “não ter as mesmas referências bibliográficas do professor”, em indicação, assim, de um trabalho “precário e rudimentar”:

#### IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

Busquei encontrar nas lacunas as palavras que melhores [sic] representa-se [sic] o contexto, porém, por não ter a [sic] mesmas referências bibliográficas do professor não foi possível determinar com certeza termos significativos ou conceitos de forma que o processo foi precário e rudimentar sem atingir o objetivo da atividade proposta. Infelizmente não concluir [sic] o exercício.

Após esse intróito, disponibilizei o material didático com textos dos filósofos – *Filotextos* – para auxílio ao exercício proposto, que era o preenchimento dos espaços em branco das filosofias presentes no texto em questão, isto é, da autoridade papal. O primeiro termo referia-se à filosofia defendida por aquele: a escolástica. Não lhes disse o nome, em intenção que fosse descoberto com base no próprio texto. O que veio a acontecer! Em seguida, fomos à leitura de dois textos para melhor compreensão da filosofia escolástica: o de Tomás de Aquino e o de Aristóteles, filósofo citado pelo primeiro. Para finalizar, buscamos no texto do papa as citações do termo que estava em discussão, no caso, a escolástica.

Aos poucos, os professores foram dando conta do processo que estava em andamento, isto é, determinação no próprio exercício dos nomes das filosofias, utilização dos textos filosóficos e a busca de tais filosofias no texto-base. Porém, um novo acontecimento: a necessidade de entranhar-se no texto-base para a percepção de críticas que o autor fazia a determinadas filosofias, orientado, assim, pela escolástica. Nesse dia, duas críticas foram postas em estudo: panteísmo e relativismo. Como tarefa para o próximo encontro, o preenchimento dos outros termos no referido exercício, em utilização da didática em prática.

No dia marcado, uma novidade: os professores fizeram uso da biblioteca da universidade e encontraram um dicionário que os auxiliaram na atividade. Todavia, um termo não foi encontrado: pós-modernismo. Fui, então, à decifração do exercício que os professores tinham em mãos, em leitura e releitura, para o descobrimento do termo em questão, relacionando-o com o texto do papa. Eis que, nessa dialética, o grupo conseguiu a delimitação do conceito em discussão, em lembrança de leitura por mim realizada “da necessidade de repensar e de restaurar a educação geral [...] [em] constatação [da] incapacidade de ler com compreensão” (SANTOS FILHO, s.d, p. 18).

Na primeira semana de fevereiro de 2009 fui à Diretoria Regional de Ensino da cidade de Miracema - TO para comunicação da continuidade do curso de extensão sobre a questão da leitura no ensino de Filosofia. Nesse encontro pedi que fosse comunicado aos professores sobre o curso e a importância da participação para uma área do conhecimento que se tornaria obrigatório para o Ensino Médio. Diante da obrigatoriedade, um novo dado: a Filosofia estaria presente com uma aula em todos os anos do nível médio na Rede Pública do Estado do Tocantins.

Na segunda semana de abril reiniciou-se o curso. Inicialmente contamos com a participação de cinco professores. Uma professora queixou-se que lhe foi retirada as aulas de Filosofia, substituindo-as por Sociologia. Procurou conversar com a direção da escola, mas não conseguiu convencê-la à

continuidade do trabalho com a Filosofia, mesmo com a informação de que estava participando do curso de extensão no *Campus* Universitário de Miracema/UFT. Temos, aqui, um seriíssimo problema: a não continuidade do trabalho de um ano para outro, numa disciplina que simplesmente serve para complementação de carga horária.

Após discussão sobre a situação da professora, os professores receberam um resumo expandido e um relatório sobre o semestre anterior. Foi de comum acordo que em ambos houve a descrição dos acontecimentos da primeira parte do curso. Informei-lhes, então, que no semestre iríamos estudar um livro do filósofo francês Jean-Paul Sartre, intitulado “*O existencialismo é um humanismo*”. Nesse primeiro encontro, informei-lhes da importância da leitura dos textos filosóficos, com base em Severino (2008, p. 6-7):

A escrita filosófica constitui parte fundamental, valiosíssima, desse grande acervo da cultura humana. É óbvio que essa escrita existe em todas as culturas. Aqui estamos nos referindo à cultura ocidental, por meio da qual que participamos da cultura humana como um todo. Daí a importância que a leitura dos textos filosóficos assume em nosso processo educacional, pois eles tratam fundamentalmente do sentido da nossa própria existência. Esse sentido se constrói ao longo da história da espécie, por meio de um investimento que se dá de forma coletiva, pela participação de todas as pessoas, sob uma dimensão social, e de forma histórica, pois é uma construção ao longo da temporalidade. O sentido da existência humana, os homens buscam construí-lo, sincronicamente, recorrendo à participação do todo social e, diacronicamente, recorrendo à participação das sociedades existentes em todas as eras históricas.

E complementa: “Desse modo, ler os textos filosóficos deve representar, para nós, hoje, a busca de um diálogo com aqueles que nos precederam nessa tarefa de desvendar o sentido das coisas, ou daqueles que o fazem hoje, em diferentes lugares”.

Lembrei-me, também, doutro autor que também faz da defesa do estudo dos textos filosóficos, um filosofar:

Nesse exercício de compreender uma filosofia por dentro, nasce para o inquiridor – quando de fato se mergulha no pensamento do filósofo – os mesmos problemas enfrentados por ele. Neste momento, o leitor é confrontado com os incômodos de dar conta daquelas questões com os mesmos instrumentos disponíveis pela razão que tinha o filósofo. O trabalho de mergulhar em um sistema, numa filosofia com seus problemas, suas limitações e seus instrumentos não é outra coisa senão o exercício filosófico, um filosofar. (MARTINS, 2008, p. 279).

Eis, assim, a partir desses dois olhares, o mote para o reinício do curso de extensão, com base num determinado caminho, isto é, a leitura dos textos filosóficos, pois, neles “os filósofos se revelam de modo completo, na sua genialidade, nos seus dramas, nas tensões de um pensamento que batalha para dar conta de seus problemas” (MARTINS, 2008, p. 281).

O primeiro passo para a leitura do texto “*O existencialismo é um humanismo*” foi a busca de informações sobre a vida do filósofo para transcrição numa *ficha biográfica*. Entreguei aos

professores uma síntese biográfica do referido filósofo, encontrada em Japiassú & Marcondes (1996, p. 241-242). Fizemos, em seguida, a leitura do texto, com pequenos comentários sobre a vida do autor, com enfoques às datas do nascimento e da morte; data da obra em questão e sua relação com datas de outras obras. Desse trabalho, uma inquirição: *Por que é importante essa primeira etapa da leitura?* Cito um estudioso do ensino de Filosofia, em sua preocupação de como ler um texto filosófico:

Conhecer o autor do texto já ajuda muito em seu entendimento, ainda que isso não seja assim tão evidente ao leitor iniciante. É fundamental dispor de informações prévias sobre a vida, a obra e o pensamento do autor, pois tais elementos são muito úteis para a elucidação das ideias expostas no texto. (SEVERINO, 2008, p. 15)

Outro autor, em livro sobre metodologia do trabalho escolar para a educação básica, posiciona-se sobre essa primeira etapa da leitura:

A pesquisa sobre o autor do texto, quem ele é, em qual área do conhecimento ele atua, se não é contemporâneo, em que época histórica ele viveu e produziu o texto que é o objeto da leitura; essas informações são importantes e situam o texto lido, contudo não devem ser usadas para desqualificar o autor antes de lê-lo. A incursão nos aspectos biográficos e históricos servirá para evitar a mistificação do texto, que é a situação oposta do preconceito. (GUIDO, 2008, p. 37-38).

Em seguida, outro texto com informações sobre o livro em questão, retirado de Huisman (2000, p. 217-218), para elaboração de *ficha bibliográfica* para a referida obra. Cito, novamente, Severino (2008, p. 15):

A segunda iniciativa é levar em conta o perfil geral do texto: identificar sua finalidade, a oportunidade de sua produção, sua natureza geral, como surgiu, porque foi escrito. Trata-se de fazer aqui uma contextualização geral do texto: em que circunstâncias foi escrito, para que, a que público se destina etc.

Após esses dois encaminhamentos, solicitei aos professores a numeração dos parágrafos – num total de vinte e quatro –. Daí, o passo seguinte foi a leitura panorâmica da obra, “com a finalidade de se tomar contato com ele [o texto], na verdade, realizando-se uma preparação para a leitura propriamente dita, para uma melhor compreensão do texto” (SEVERINO, 2008, p. 15). Combinou-se que após a leitura panorâmica, uma segunda leitura, em busca de termos não conhecidos, sendo que seriam explicitados, de início, com base no próprio texto e, se fosse necessário, faríamos uso de um dicionário filosófico.

Salientei que era importante que esses termos fossem anotados à parte, numa *ficha temática* e

que não preocupassem se os sentidos não fossem claros, já que no decorrer do trabalho com a obra eles seriam esclarecidos. Em ambos os momentos, a importância de informações sobre autores citados no texto, principalmente se fossem importantes na exposição das ideias e que fossem atentos à repetição de alguns autores.

Esse instante da leitura foi feito bem devagar: uma leitura de cada parágrafo, repetindo-o de acordo com a necessidade dos participantes do curso para melhor entendimento, em busca do itinerário proposto pelo autor do texto para exposição das suas idéias. Nos primeiros parágrafos os professores relacionavam com o trabalho feito no semestre anterior, em recuperação, assim, de termos já trabalhados anteriormente, como por exemplo, escolástica, para melhor entendimento da crítica feita ao existencialismo sartreano pelos católicos.

Em seguida, demarcação proposta pelo filósofo francês, para enfrentamento das críticas dos marxistas e dos católicos, presente no final do parágrafo quarto – *Será que, no fundo, o que amedronta na doutrina que tentarei expor não é o fato de que ela deixa uma possibilidade de escolha para o homem?* (SARTRE, 1987, p. 4) –, para avanço da leitura. Após esse trabalho, uma primeira parada deu-se na expressão “*a existência precede a essência*” no final do parágrafo quinto. Para esclarecê-la somente um caminho: a leitura do texto.

De início, lemos várias vezes os parágrafos sexto e sétimo, para melhor inteligibilidade doutra expressão: “*a essência precede a existência*” com base no exemplo do corta-papel e a sua permanência em filósofos como Descartes e Leibniz com o “conceito de homem, no espírito de Deus, [...] assimilável ao conceito de corta-papel no espírito do industrial” (p. 5). Afirma também a ideia de que é encontrada em Diderot, Voltaire e mesmo Kant, com base, agora, que o “homem possui uma natureza humana; essa natureza humana, que é o conceito humano, pode ser encontrada em todos os homens, o que significa que cada homem é um exemplo particular de um conceito universal: o homem” (p.5).

No oitavo parágrafo, a retomada da primeira expressão, isto é, “*a existência precede a essência*”, em defesa, assim, do existencialismo ateu. Nesse instante, acentuou-se o cuidado com a leitura, principalmente com o aparecimento de novos conceitos nos parágrafos seguintes, como: projeto, escolha/engajamento, responsabilidade, angústia, desamparo, desespero, má-fé, universalidade/projeto individual, moral existencialista, liberdade, autenticidade e, por fim, humanismo existencialista, já que aos poucos o autor ia respondendo as questões que lhe foram imputadas.

Alguns professores, em discordância das colocações, indispuseram-se com o autor. Informei-lhes, então, que esse era o momento de estudar atentamente o modo como o filósofo meditava as questões que lhe foram determinadas, pois se apresentava ali “a experiência de uma reflexão, os movimentos de um pensamento” (MARTINS, 2008, p. 277) e que anotassem as suas divergências,

pois, noutro momento retornaríamos a elas.

Para o término dessa etapa, isto é, a fase de compreensão da obra, de explicitação e apreensão do pensamento do autor, informei aos professores a respeito de pequeno tópico em revista – Filosofia Ciência & Vida, n. 34, p.55 – sobre um curso a respeito da filosofia sartreana, cujo tema *A existência como processo de tornar-se sujeito*, por parte de um estudioso desse autor francês, Franklin Leopoldo. Fiz a leitura do material e os professores iam relacionando com a leitura do texto de Sartre.

Para finalizar o trabalho levantei algumas questões: (i) *Formulação de críticas à construção da obra, bem como aos pontos de vista do autor – críticas positivas e negativas*; (ii) *Quais problemas o texto nos coloca para nossa reflexão?* e, (iii) *Quais considerações podemos fazer a partir desse diálogo com Sartre?* Partimos, assim, para a etapa final da leitura: crítica à obra lida em que se levantam problemas para a reflexão pessoal e para a discussão coletiva.

### **À guisa de conclusão**

Após duas experiências com o ensino de Filosofia (LIMA, 2002; 2005), propus-me a sua continuidade, agora com professores de Filosofia da Rede Pública do Estado Tocantins, especificamente, a Diretoria Regional de Ensino da cidade de Miracema do Tocantins – TO. Desse trabalho, saliento a necessidade da formação continuada já que grande parte dos professores no Estado do Tocantins atua fora de área, em confirmação de pesquisa já realizada que constatou que o trabalho com a Filosofia é, simplesmente, para complementação de carga horária.

Em colaboração, a universidade desempenha um papel importante, principalmente em cursos de extensão que tenham como olhar determinado aspecto para o trabalho com a Filosofia. Em nosso caso, priorização do estudo dos textos filosóficos, onde os professores foram capazes de perceber que têm muita dificuldade no referente à leitura, porém, se dispõem ao enfrentamento de eventuais empecilhos, desde as dificuldades subjetivas de compreensão até aquelas que são de natureza objetiva.

### **Referências:**

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. **O que é filosofia?** Trad. Bento Prado Jr.; Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DUPAS, G. Verdade, política e filosofia. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 01 ago 2005. Disponível: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz0108200509.htm>. Acesso: 01 de agosto de 2005.

\_\_\_\_\_. Prestando contas à vida. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 30 jul. 2008. Disponível: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz3007200809.htm>. Acesso: 30 jul. 2008.

FÁVERO, A. A.; CEPPAS, F.; GONTIJO, P. E.; GALLO, S. & KOHAN, W. O. O ensino da filosofia no Brasil: um mapa das condições atuais. In: **Caderno Cedes**, Campinas: Cortez, vol. 24, n. 64, p.



257-280, set./dez. 2004.

GUIDO, H. **A arte de aprender: metodologia do trabalho escolar para a educação básica**. Petrópolis: Vozes, 2008.

HUISMAN, D. **Dicionário de obras filosóficas**. Trad. Castillo Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

JOSÉ, V. Metafísica. In: **Revista Discutindo Filosofia**, ano 3, n. 14, p. 28-29, 2008.

LIMA, M. A. C. **Filotextos**. s.e., s.d.

\_\_\_\_\_. **O ensino de filosofia e suas contradições**. Governador Valadares: Ed. da Universidade Vale do Rio Doce, 2002.

\_\_\_\_\_. **A Prática de Ensino de Filosofia num contexto de reestruturação capitalista: construção de uma experiência problematizadora com o ensino**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação/UFMG, Belo Horizonte, 2005.

\_\_\_\_\_. As condições do ensino de filosofia no Estado do Tocantins. In: **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 10, n. 30, p. 425-440, maio/agosto, 2010.

JAPIASSÚ, H. & MARCONDES, D. **Dicionário básico de filosofia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

MARTINS, J. A. O texto filosófico: uma necessidade. In: KUIAVA, Evaldo Antônio; SANGALI, Idalgo José; CARBONARA, Vanderlei (Orgs.). **Filosofia, formação docente e cidadania**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2008.

PORTA, M. A. G. **A filosofia a partir de seus problemas: didática e metodologia do estudo filosófico**. São Paulo: Loyola, 2002.

**Revista Filosofia Ciência & Vida**, ano III, n. 34, 2009.

ROMANO, R. Entre a ética e a moral. Entrevista de M. Termero. In: **Revista Discutindo Filosofia**, ano 3, n. 14, 2008.

SANTOS FILHO, J. C. Educação geral na universidade como instrumento de preservação da herança cultural, religião de saberes e diálogo de culturas. In: PEREIRA, E. M. A. (Org.). **Universidade e educação geral: para além da especialização**. Campinas: Alínea, s.d.

SARTRE, J-P. **O existencialismo é um humanismo**. Trad. Rita Correia Guedes. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

SEVERINO, A. J. **Como ler um texto de filosofia**. São Paulo: Paulus, 2008.